

## “A arrepiante torcida húngara”: politizando a torcida de futebol internacional no Twitter do Brasil de Bolsonaro<sup>1</sup>

Marcio Telles<sup>2</sup>  
Universidade Tuiuti do Paraná

### Resumo

O artigo aborda como a torcida húngara durante a EURO 2020 se tornou politizada no contexto brasileiro, refletindo afinidades com o presidente Bolsonaro. A conexão ocorreu em meio à polarização política no Twitter e à pandemia. Parte-se que a identidade política se assemelha à identidade de fã, levando a uma associação. A análise ressalta a relação entre política e esporte, mostrando como fãs de Bolsonaro, influenciados pela midiaticização, apoiaram a Hungria devido a questões políticas compartilhadas. A pesquisa explora a intersecção entre midiaticização do esporte e da política, delineando uma possível sequência de politização do esporte e esportificação da política. O estudo destaca a necessidade de compreender como as identidades futebolísticas e políticas se entrelaçam na cultura popular contemporânea.

### Palavras-chave

Midiaticização do Esporte; Fandom; Identidades Torcedoras; Mídias Sociais.

### Introdução

A EURO 2020 foi um megaevento global com enormes audiências ao redor do mundo. No Brasil, os jogos foram transmitidos na TV a cabo e em serviços de streaming. Com o início do torneio adiado para 2021, aquela edição da EURO foi jogada em meio à pandemia de Covid-19. Àquela altura, os estádios brasileiros ainda estavam fechados às torcidas, mesmo se os campeonatos nacionais e regionais já houvessem retornado.

Com uma “twittosfera” altamente polarizada politicamente, em vistas às eleições do ano seguinte, a torcida húngara se tornou um assunto quente no Twitter brasileiro durante a fase de grupos da EURO 2020. As imagens dos torcedores húngaros na lotada Puskás Aréna, cantando sem máscaras (e muitas vezes sem camisa), empolgaram os torcedores brasileiros. Pelo menos, os torcedores brasileiros que se identificavam com o Presidente Jair Bolsonaro e sua necropolítica (KALIL ET AL., 2021; BORBA, 2021b).

De uma maneira talvez curiosa – e, por enquanto, hipotética – a politização da torcida húngara e sua submissão ao cenário político-ideológico brasileiro partiu do seletor grupo de brasileiros afluentes capazes de bancar assinaturas de TV à cabo em meio às

<sup>1</sup> Trabalho apresentado no Grupo de Pesquisa – Comunicação e Esporte do 46º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, realizado de 4 a 8 de setembro de 2023.

<sup>2</sup> Professor permanente do Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Linguagens da Universidade Tuiuti do Paraná e dos cursos de graduação em Jornalismo e Publicidade da mesma instituição. Doutor em Comunicação e Informação pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul, com estágio doutoral na Winchester School of Art da Universidade de Southampton, Inglaterra. E-mail: marcio.telles@utp.br

crises sanitárias e econômicas. Como se sabe, as elites no Brasil foram os principais apoiadores da política "iliberal" do Presidente Bolsonaro, uma peculiaridade em relação a outros contextos iliberais (KRASTEV; HOLMES, 2019). Estas mesmas elites "cosmopolitas" do Brasil também têm propensão para entrar em discussões políticas nas redes sociais, como o Twitter, engajando-se em um estilo político sem restrições.

Apoiar a Hungria em um período em que os estádios do Campeonato Brasileiro ainda estavam vazios se transformou em uma representação orgulhosa da política de identidade bolsonarista com um toque internacional. Entusiastas brasileiros de extrema-direita escolheram sua lealdade futebolística com base na política, visto que Viktor Orbán e Jair Bolsonaro negavam a crise da Covid-19. A Hungria serviu como substituto para o desejo dos seguidores de Bolsonaro de retomar os assentos nos estádios ao redor do país, uma posição apoiada por Bolsonaro em oposição aos governadores locais. O fato de os húngaros serem os favoritos dos brasileiros de extrema-direita ficou ainda mais evidente em sua última partida contra a Alemanha, em uma Allianz Arena iluminada com as cores da bandeira do Orgulho LGBTQIA+. Isso gerou ondas de indignação entre os torcedores brasileiros de extrema-direita, que criticaram os alemães e se comprometeram a apoiar ainda mais a Hungria com base em uma suposta identidade "ocidental cristã" compartilhada, que visa à preservação de uma fantasiosa "família tradicional".

Apesar de ocasional e micro, este caso nos permite investigar a relação entre o fandom *esportivo* e o fandom *político* (SANTOS JUNIOR, 2016). Podemos, então, nos indagar como a paixão por um esporte se intersecta com a paixão política? Eis que este caso opera na intersecção entre a midiaticização do esporte e a midiaticização da política. Corriqueiramente, estudos sobre a midiaticização têm se debruçado sobre o processo no âmbito de um domínio ou instituição específico, como um ou outro. Mas poucos estudos têm olhado para o processo de forma interseccional, quando uma ação pode ser explicada pela confluência de dois processos de midiaticização<sup>3</sup>. A partir deste caso, é possível criar a hipótese de que a midiaticização do esporte e da política parece guiar dois processos subsequentes: a politização do esporte e a esportificação da política.

Estabeleço que as práticas e a construção de identidade dos apoiadores de políticos iliberais-populistas como Bolsonaro e Orbán são semelhantes àqueles que consomem cultura de massa, incluindo o esporte. Isso não é surpreendente, pois há evidências de que

---

<sup>3</sup> Um caso excepcional é Thorson & Serazio, 2018.

o iliberalismo pode ser considerado um fenômeno cultural (BORBA, 2021a; DEMURU, 2021; LARUELLE, 2022). Laruelle (2022) apresenta o iliberalismo como uma ideologia em que uma de suas principais características é a mudança do foco da política para a cultura. Nesse sentido, manifestações estéticas elaboradas, como as realizadas pelos ultras (DOIDGE ET AL., 2020), podem ser rapidamente assimiladas ao repertório iliberal se estiverem de acordo com sua narrativa (DYAL, 2018).

No entanto, a mudança trazida pela passagem da política para a cultura também significa as práticas de fandom se sobrepõem às práticas políticas (THORSON; SERAZIO, 2018; SANTOS JÚNIOR, 2016). Se a identidade política de uma pessoa é tradicionalmente moldada por suas crenças e afiliações políticas, a identidade política na era da política iliberal se parece mais com uma identidade de fã, cujo senso de si e identidade pessoal está fortemente ligado à identificação com um fandom específico, adotando os símbolos e linguagem do fandom para participar das comunidades de fãs e expressar o fandom por meio da moda (o uniforme da seleção brasileira que passou a representar os "Bolsonaristas") e outros meios de expressão (SANTOS JUNIOR, 2016), como o apoio digital à equipe húngara.

Geralmente, a literatura sobre apoiadores políticos e torcedores de futebol está desconectada. Quando eles se conectam, o tema é frequentemente abordado localmente, às vezes de forma favorável – como nos movimentos populares contra o futebol moderno (NUMERATO, 2014; CLELAND ET AL., 2018; DYAL, 2018; VIMIEIRO ET AL., 2019; DOIDGE ET AL., 2020) – e às vezes de forma negativa – como em situações de xenofobia ou racismo (DOIDGE, 2015; FARIAS ET AL., 2021). Além disso, a pesquisa frequentemente se concentra nos torcedores dentro ou ao redor dos estádios nos dias de jogo, deixando de fora como os torcedores expressam suas alianças, incluindo as políticas, em ambientes remotos, mediados e em suas casas.

Tradicionalmente, o futebol permite a investigação da identidade por meio do forte vínculo com um clube ou país, bem como por meio de acirradas rivalidades. Esses temas também podem ser compreendidos em diversas escalas geográficas, como nacional, regional, local e, mais raramente, mediada. Embora a pesquisa sobre torcedores de seleções nacionais tenha se tornado mais comum nos últimos anos, esses estudos ainda se baseiam principalmente em contextos europeus e possuem pouco conhecimento sobre o apoio transnacional e internacional (uma exceção é PETERSEN-WAGNER, 2017). Além disso, o estudo das identidades futebolísticas dentro da sociologia frequentemente

se concentrou em subculturas desviantes, em vez da vida cotidiana, buscando exemplos extremos de torcedores, *ultras*, *hooligans* e *hinchas*. Stone (2007) argumenta que há uma falta de pesquisa sobre os comportamentos cotidianos e as expressões sutis da identidade futebolística conforme vivenciadas por diferentes grupos em suas vidas diárias, sugerindo também que a influência cultural do futebol é mais presente no nível cotidiano, em coisas como conversas, uso das mídias, vestuário, relações interpessoais e preferências políticas.

Nesta discussão, revisarei inicialmente a compreensão da política e da cultura dos torcedores de futebol, enquanto ilumino o fandom esportivo digital e suas implicações políticas. O foco da discussão posterior será sobre como a Covid-19 afetou o esporte globalmente e como Orbán e Bolsonaro politizaram profundamente esse impacto. Os dados coletados do Twitter entre 15 e 24 de junho de 2021, com os termos “torcida húngara” e “torcida da Hungria”, serão interpretados para compreender como isso alimentou uma parceria de torcedores “improvável” no campo esportivo que se tornou “altamente provável” em termos políticos.

## **2. Fandom esportivo e fandom político**

De acordo com Wilson (2011), indivíduos politicamente engajados em democracias “pós-difusão” (PRIOR, 2006) podem ser vistos como uma audiência de nicho entusiasmada. Wilson (2011) questiona se o envolvimento ativo e emocional desses indivíduos com conteúdo político na “esfera pública” pode ser comparado ao fanatismo. O conceito de democracia pós-difusão (*post-broadcasting*) se refere ao impacto desencadeado nas democracias ocidentais mediadas. Markus Prior (2006) destaca a principal característica das democracias pós-difusão: uma fragmentação do consumo compartilhado de mídia. Essa fragmentação resulta em disparidades significativas nos níveis de envolvimento com o conteúdo político.

Uma divisão significativa que surgiu como consequência é entre indivíduos que buscam ativamente conteúdo político e aqueles que não o fazem (WILSON, 2011). Segundo Fiorina (1990), a aparentemente “irracional” decisão de se interessar por política pode ser explicada pelo conceito de fandom. Fiorina estabelece um paralelo entre política e esportes, onde indivíduos investem-se financeira e emocionalmente em um time específico. Da mesma forma, na política, as pessoas adquirem conhecimento e desenvolvem opiniões sobre o contexto mais amplo, acompanhando-o pelos meios de comunicação, mesmo com custos pessoais. Assim como os fãs de esportes acumulam

conhecimento sobre seu time sem acreditar que isso influenciará diretamente o resultado, o engajamento político pode ser visto como uma afiliação com formas sancionadas de espetáculo mediado (FIORINA, 1990). Essa perspectiva sugere que alguns indivíduos escolhem a política como objeto de comportamento de fã, de forma semelhante à torcida por equipes esportivas. Isso não implica que pessoas bem informadas sejam mais ou menos racionais do que as desinformadas; reconhece que algumas pessoas são fãs apaixonados, enquanto outras não são. Ademais, no contexto da democracia pós-difusão, aqueles com um interesse genuíno em política estão consumindo mais conteúdo político do que nunca (WILSON, 2011).

Se considerarmos os motivos afetivos que atraem os fãs políticos a consumir mídia política, podemos estabelecer uma conexão com o estudo das culturas de fãs nos estudos culturais. Hills (2002) considera os fãs como envolvidos em um "jogo afetivo" (*affective play*), e esse conceito pode ser estendido para explicar como alguns fãs políticos utilizam a produção da esfera pública como base para sua própria expressão criativa e conexões sociais. De acordo com Jenkins (2008), a cultura mediatizada tem gerado grupos auto-organizados que se envolvem na produção coletiva, debate e disseminação de significados, interpretações e fantasias em resposta aos artefatos da cultura popular contemporânea – sejam eles, *mutatis mutandis*, a política ou o esporte mediatizados.

A intersecção na cultura popular é evidente na habilidade de Lula em falar a linguagem do futebol, um aspecto significativo do "lulismo" de acordo com Mascarenhas et al. (2014). Lula utilizava terminologia do futebol em seus discursos, enfatizando o trabalho em equipe e a busca pela vitória, estabelecendo paralelos entre suas conquistas políticas e o desempenho do Corinthians, seu time de futebol favorito. Essa utilização da linguagem do futebol ajudou Lula a se comunicar efetivamente com uma parcela substancial do eleitorado, simplificando o discurso político e apresentando-se como uma figura relacionável.

A literatura sobre fãs de esportes geralmente pode ser dividida em duas categorias (BENKWITZ & MOLNAR, 2012): 1) a defesa dos fãs contra o rótulo de "loucos" e "apaixonados", ou "cômicos" e "psicóticos", bem como a desmascarar alegações de que o fandom é um esforço para compensar um sentimento de perda de autonomia, comunidade ou uma identidade incompleta ou carente de poder e reconhecimento social; e 2) A quebra de noções elitistas de cultura, dando continuidade à tendência iniciada pelos Estudos Culturais, que valoriza as experiências simbólicas e os comportamentos das

---

peças comuns, argumentando que essas atividades devem ser objeto de análise sociológica. Em ambos os casos, a ligação do tema com a política fica à margem das reflexões sobre o fanatismo esportivo.

Mais recentemente, Doidge et al. (2020) propõem uma mudança teórica no estudo do fanatismo no futebol, afastando-se do foco predominante na mobilização política e no hooliganismo. Sua pesquisa destaca questões sociológicas mais fundamentais relacionadas à formação de grupos, especialmente o papel das performances coletivas e dos relacionamentos emocionais. Assumindo a diminuição do engajamento público na sociedade civil como uma preocupação de longa data nas áreas acadêmica, midiática e política, os ultras contrapõem-se à essa tendência ao se envolverem ativamente com outros fãs online, em bares e ao redor do estádio, promovendo um senso de identidade coletiva mais amplo entre eles. A sociabilidade desempenha um papel significativo para muitos fãs, incluindo os ultras. Alguns fãs procuram simplesmente oportunidades para socializar com pessoas de mentalidade semelhante, sem uma agenda política específica.

Ainda que nem todos os aspectos do fanatismo precisam ser explicitamente orientados pela política, as opiniões políticas produzem cortes significativos nas identidades futebolísticas envolvidas. O exemplo mais requisitado são os Movimentos Contra o Futebol Moderno (MCFM) que se opõem, em tese, ao que é considerado a hipercomodificação do esporte. O slogan 'Contra o Futebol Moderno' encontra ressonância em outras lutas sociais opostas à neoliberalização da sociedade<sup>4</sup>. Para Vimieiro et al. (2019), estes são movimentos de cunho nostálgico que buscam re-alinhar os valores das classes trabalhadoras pré-1980 ao mundo contemporâneo. Todavia, mesmo estando contra a hipercomodificação do esporte e as estruturas neoliberais de consumo, os MCFM se valem dessas mesmas estruturas para se contrapor. Cabe notar, também, que a existência de cantos xenófobos e sexistas entre os Movimentos Contra o Futebol Moderno (MCFM) tensionam uma divisão explícita entre incorporação e resistência (VIMIEIRO ET AL., 2019).

Os cortes de torcedores à direita são igualmente complexos. Guschwan (2012) relata as desventuras do grupo ultra<sup>5</sup> organizado Irriducibili, conhecido por seu apoio ao time de futebol Lazio e por protestos contra o proprietário do clube, Claudio Lotito, em

---

<sup>4</sup> VIMIEIRO ET AL., 2019

<sup>5</sup> Os *ultra* são grupos de torcedores altamente organizados, geralmente liderados por um chefe (“capo”) que coordena suas atividades (DOIDGE ET AL., 2020).

2005. Embora tenham participado de ativismo desafiando o poder do proprietário, suas motivações não eram anticapitalistas. Eles ganharam controle sobre o comportamento dos fãs e atenção da mídia, mas atraíram críticas por manifestações xenófobas e de extrema-direita. Além disso, eles estabeleceram lojas de varejo chamadas Original Fans para venda de produtos relacionados à marca Irriducibili, o que gerou controvérsia e críticas entre outros torcedores de futebol. Tecnologias de comunicação modernas facilitaram sua coordenação, destacando o poder dos consumidores na formação de uma marca. Nesse caso, a política à extrema-direita contrapõe-se igualmente à “modernização” do futebol e à certa perda das grandes narrativas que embazavam o esporte até o último quartel do século passado. Ao mesmo tempo, as mesmas estruturas capitalistas e tecnológicas que são alvo destes torcedores são utilizadas para a construção, manutenção e renovação dos laços afetivos coletivos.

### **3. A mescla entre identidades políticas e esportivas**

Embora os estudos pós-modernos tenham considerado a identidade como fluida, fragmentada (HALL 1996, 1997) ou líquida (BAUMAN), argumenta-se que o fandom do futebol oferece uma identidade "segura" e estável em um mundo volátil de identidades instáveis (PORAT, 2010). Em nenhum outro lugar esse aspecto "identificador" do futebol é mais claro do que nas rivalidades futebolísticas. As rivalidades entre torcedores de futebol são frequentemente descritas como uma oposição binária entre grupos de torcedores que torcem para clubes de futebol diferentes (GIULIANOTTI, 1999) e, portanto, compartilham identidades coletivas diferentes (BENKWITZ & MOLNAR 2012). As estruturas clássicas das rivalidades no futebol são baseadas na localização geográfica (ALABARCES), que não leva em consideração outros fatores sociais ou culturais (BENKWITZ & MOLNAR 2012).

A lealdade dos torcedores no futebol é caracterizada por uma aliança e devoção a um time específico, baseada no interesse de longo prazo do espectador (HART, 2017). Os fãs leais permanecem comprometidos com o seu time, independentemente dos resultados de vitória ou derrota. Segundo Hart (2017), entre a base de torcedores de uma equipe, pode haver níveis variados de comprometimento, e os fãs são frequentemente classificados em três grupos: os fãs "sociais" que buscam entretenimento, os fãs "focados" que são motivados pelo sucesso da equipe e os fãs "envolvidos" que têm uma forte conexão emocional com o time. Para Hart (2017), os times esportivos despertam um

---

vínculo emocional mais forte em comparação com outras formas de entretenimento, conferindo à lealdade um significado mais profundo na indústria esportiva.

Hart (2017) diferencia entre dois tipos de lealdade dos torcedores de futebol: a lealdade atitudinal e a lealdade comportamental. A lealdade atitudinal no futebol se refere ao nível de comprometimento e apego emocional a um time, enquanto a lealdade comportamental diz respeito às ações como comparecer a jogos, comprar mercadorias ou acompanhar o time por meio da mídia. Essas duas formas de lealdade podem existir independentemente uma da outra, destacando a importância de distingui-las no contexto esportivo.

As ideologias políticas, assim como o futebol, também criam e gerenciam identidades coletivas. Essas "outras" identidades podem se sobrepor às do futebol, como no exemplo dos torcedores brasileiros que apoiam o time húngaro. Santos Junior (2016) chama os "fãs políticos" de indivíduos altamente engajados na política que consomem e produzem informações através da internet. Eles criam interpretações únicas e identidades baseadas em conteúdo político, adaptando-o ao seu contexto social. Similar ao paradigma de atividade de outros *fandoms* da cultura pop, a prática política envolve engajamento e participação na construção de narrativas alternativas que reconfiguram produtos culturais dominantes. "Comunidades interpretativas" (JENKINS, 2008) surgem com referências ideológicas de esquerda e direita, marcadas por identidades coletivas no mundo digital, como, no caso de Santos Junior, os "coxinhas" e os "petralhas". Assim como os fãs esportivos, os fãs políticos são uma parcela engajada da audiência, com entusiasmo, comunidades, códigos interpretativos compartilhados, amadorismo na produção de conteúdo, referências à cultura popular e identidades políticas ligadas ao fandom.

Essa sobreposição funciona sobretudo por que o iliberalismo é uma ideologia que tem como um de seus principais princípios a mudança da política para a cultura (LARUELLE, 2022). Nesse sentido, manifestações estéticas elaboradas como as realizadas pelos ultras (DOIDGE ET AL., 2020), podem ser rapidamente assimiladas ao repertório liberal se se encaixarem em sua narrativa.

#### **4. Análise e discussão**

No primeiro embate da Hungria na EURO 2020, realizado em Budapeste, os torcedores de futebol no Brasil, alijados dos estádios nas competições nacionais, encontraram um motivo para se engajar. A competição, que ocorreu em um contexto



---

único, foi disputada em onze cidades de onze países distintos, visando representar simbolicamente a unidade do continente europeu. Amsterdã (Holanda), Baku (Azerbaijão), Berlim (Alemanha), Bilbao (Espanha), Bucareste (Romênia), Budapeste (Hungria), Copenhague (Dinamarca), Glasgow (Escócia), Londres (Inglaterra), Roma (Itália) e São Petersburgo (Rússia), foram as sedes do torneio, previamente agendado para 2020, mas postergado para o ano subsequente devido à pandemia de Covid-19.

Durante o torneio, ocorrido entre meados de junho e meados de julho de 2021, as nações europeias se encontravam em estágios diversos no enfrentamento da pandemia. Esse panorama se refletia em distintas etapas de vacinação em diferentes países, com algumas regiões, como a Inglaterra, adiantadas no processo, enquanto outras, como Azerbaijão e Hungria, enfrentavam atrasos. Além disso, as variadas abordagens políticas em relação ao vírus resultaram em medidas sanitárias heterogêneas nos diversos estádios do torneio. A UEFA, confederação europeia, adotou uma estratégia descentralizada, permitindo que cada cidade aderisse às diretrizes locais, evitando impor critérios universais que demandariam um considerável capital político.

Essa abordagem culminou em uma gama diversificada de públicos nos estádios. Enquanto algumas cidades, como Berlim, optaram por manter estádios abaixo de sua capacidade devido às medidas de contenção, outras, a exemplo de Budapeste, receberam partidas com arquibancadas lotadas. Londres, que sediou o maior número de jogos (sete) ao longo do torneio, experimentou uma evolução nas restrições. Inicialmente impondo proibições rigorosas, a cidade gradualmente cedeu à pressão, permitindo a ocupação máxima das arenas nas fases avançadas da competição.

A ampla cobertura midiática do esporte encontrou um eco significativo entre os torcedores brasileiros que se opunham às medidas restritivas implementadas nos campeonatos locais. Durante esse período, o Campeonato Brasileiro estava sendo realizado em grande parte sem a presença de público nos estádios, seguindo as orientações das secretarias de saúde estaduais. No entanto, o presidente Bolsonaro mantinha uma perspectiva divergente, defendendo a liberação dos estádios, uma opinião que ressoava entre muitos entusiastas do futebol. As imagens impactantes da “arrepicante torcida húngara” (figura 1) reunida nos estádios repletos em Budapeste pareciam representar um cenário distante e estrangeiro. Embora as intenções por trás da cobertura da ESPN possam ser ambíguas, é inegável que essas imagens foram rapidamente envolvidas em

controvérsias políticas, pressionando os governadores locais a cederem às demandas do presidente e daqueles que negavam a gravidade da pandemia.

Nesse contexto, a midiaticização do esporte revelou-se um catalisador de consideráveis desdobramentos políticos, mesmo em um continente geograficamente distante do contexto inicial da transmissão televisiva. A cobertura mediática das multidões apaixonadas e vibrantes nos estádios húngaros funcionou como um espelho que refletiu as aspirações de parte da população brasileira que ansiava pela normalidade e pelo retorno à atmosfera intensa das arquibancadas – e que, talvez justamente por causa disso, se alinhavam ideologicamente ao então presidente. No entanto, essas imagens também desencadearam debates acalorados sobre a gestão da pandemia e a abordagem governamental em relação às medidas restritivas.

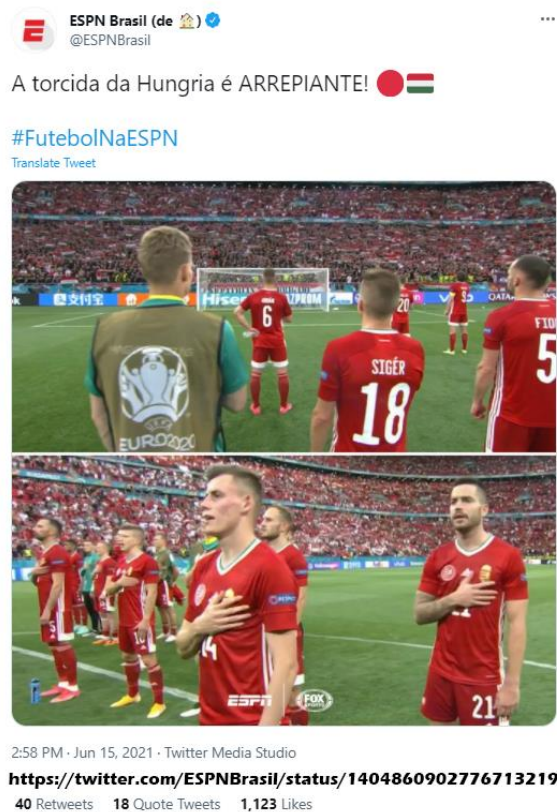


Figura 1 Post da ESPN em 15 de junho de 2021. Fonte: Twitter

As imagens remotas desempenharam um papel significativo ao permitir que os torcedores brasileiros expressassem sua saudade por estádios lotados, uma realidade que estava ausente nos campos brasileiros devido às restrições em vigor. Perfis aparentemente apolíticos, como o "O Canto das Torcidas", exemplificam esse fenômeno, ao abordar detalhadamente a jornada da torcida húngara rumo ao estádio para o confronto com Portugal. Tais abordagens despertavam uma profunda nostalgia nos torcedores, que se

identificavam com a energia e a paixão das multidões reunidas nos estádios, uma experiência então ausente em território nacional. A referência ao sentimento de "saudades disso pelas bandas de cá" (figura 2), embora aparentemente alheia à política, possui nuances que ressoam com o contexto mais amplo das restrições da pandemia e das divergentes opiniões políticas relacionadas a elas.



Figura 2 O "Canto das Torcidas" e a saudade dos estádios lotados

De fato, a inusitada torcida dos brasileiros pela seleção húngara teve suas raízes profundamente enraizadas na atmosfera festiva e apaixonada que as arquibancadas húngaras proporcionaram (figura 3). Apesar da falta de relações históricas e afetivas tradicionais entre os dois povos, essa conexão improvável floresceu em meio ao fervor esportivo, ganhando ímpeto por motivações que transcendiam esse âmbito. Esse fenômeno foi amplamente influenciado por contextos políticos compartilhados, que se refletiam de maneira proeminente nos dois líderes ultraconservadores, Viktor Orbán e Jair Bolsonaro, ambos adotando uma postura de negacionismo em relação à pandemia.

A peculiar “aliança” entre os dois países, caracterizada por um aparentemente inesperado apoio futebolístico, se traduziu como um reflexo do desejo de negar a realidade da pandemia e de retomar um senso de normalidade que, para muitos torcedores brasileiros, estava profundamente ligado ao ambiente vibrante dos estádios lotados. Esse “casamento”, como ilustrado pelas palavras do presidente brasileiro em referência ao

homólogo húngaro, foi formado não por afinidades culturais ou históricas, mas pela convergência política de líderes identificados como ultraconservadores.

Nesse contexto, a torcida pela seleção húngara revela uma complexa intersecção entre esporte, política e *fandom*. A atenção midiática concedida às multidões nos estádios húngaros agiu como um gatilho para os sentimentos de saudade e anseio dos torcedores brasileiros. Através dessa conexão efêmera, os torcedores buscaram, de certo modo, validar suas próprias perspectivas sobre a pandemia, encontrando uma voz coletiva que expressava discordância com as medidas restritivas em vigor.



Figura 3 A improvável aliança entre torcida húngara e torcedores brasileiros. Fonte: Twitter

Um exemplo vívido da politização da midiatização esportiva por parte dos torcedores brasileiros é ilustrado pela polêmica que cercou o último jogo da Hungria na competição, realizado na Alemanha (figura 4), quando o Estádio Olímpico de Berlim anunciou antecipadamente que seria iluminado com as cores do arco-íris, símbolo do movimento LGBTQIA+. Essa decisão foi claramente uma provocação direcionada ao ultraconservadorismo do líder húngaro, Viktor Orbán, que é conhecido por suas políticas

que desfavorecem minorias sexuais e de gênero, além de defender incansavelmente a noção de “família tradicional”.

O uso das cores do arco-íris foi uma crítica veemente à perseguição sistemática que essas minorias enfrentam na Hungria e uma reação à insistência de Orbán na promoção da “família tradicional”. O paralelo com o movimento político brasileiro é notável, uma vez que o bolsonarismo também se caracteriza por sua ênfase na “família tradicional” e por posturas que questionam os direitos das minorias. Nesse sentido, a comunhão de princípios entre as duas lideranças ecoou nos torcedores brasileiros, que rapidamente associaram o gesto do Estádio Olímpico de Berlim como um “desrespeito” ou “provocação” à Hungria e, por extensão, a Bolsonaro e aos valores que defendem.



Figura 4 O estádio de Berlim iluminado para o jogo entre Alemanha e Hungria. Fonte: Twitter

A inversão da agressão, uma característica recorrente tanto no bolsonarismo quanto na Hungria, é uma demonstração vívida das interconexões entre o fervor esportivo e a lealdade política. Os torcedores brasileiros que apoiavam a seleção húngara reinterpretaram a iluminação do estádio com as cores do arco-íris como uma afronta direta, encontrando paralelos nas posturas políticas e ideológicas dos líderes das nações envolvidas. Nesse contexto, o vínculo entre o fandom esportivo e o fandom político se

---

torna evidente. A interseção dessas esferas revela como o esporte pode se transformar em uma plataforma de expressão ideológica, um espaço onde as dinâmicas de apoio, identificação e confronto se misturam de maneira única. A polêmica em torno da iluminação do Estádio Olímpico de Berlim e a resposta dos torcedores brasileiros à seleção húngara demonstram que as narrativas esportivas podem ser interpretadas, manipuladas e reinterpretadas em conformidade com as convicções políticas e valores pessoais.

### **5. Considerações finais**

O artigo destacou, por meio do intrigante exemplo da torcida de alguns brasileiros pela Hungria, um país com o qual o Brasil não possui laços culturais tradicionais, como o futebol pode atuar como um substituto significativo para expressões e posturas políticas. Essa situação singular demonstra o encontro entre a midiática do esporte e da política, culminando na "esportificação" da política e na "politização" do esporte. Esse fenômeno complexo se fundamenta na crescente presença midiática tanto no âmbito esportivo quanto político, e na maneira como as identidades esportivas e políticas são moldadas e influenciadas pelos mecanismos da cultura popular.

A "esportificação" da política e a "politização" do esporte sublinham como os domínios esportivo e político estão cada vez mais entrelaçados. A midiática desempenha um papel vital nesse processo, pois as plataformas midiáticas permitem que as mensagens e as narrativas se espalhem e alcancem audiências amplas, influenciando percepções e atitudes. A crescente influência da cultura popular, que inclui o esporte e a política como elementos-chave, proporciona um terreno fértil para a negociação das identidades individuais e coletivas.

Em última análise, a análise do caso da torcida brasileira pela seleção húngara oferece um vislumbre das intrincadas interações entre o esporte e a política na era da midiática. A convergência de fatores midiáticos, culturais e ideológicos molda a relação entre esses dois domínios, forjando uma dupla-hélice dinâmica que continua a evoluir em um cenário global interconectado. O caso do jogo da Hungria na Alemanha exemplifica de maneira contundente como a politização da midiática esportiva transcende as fronteiras do esporte, tornando-se um espelho das tensões e identidades políticas e culturais mais amplas. O entrelaçamento entre fandom esportivo e fandom político é um fenômeno complexo e em constante evolução, que destaca as maneiras pelas

---

quais as paixões e lealdades podem se fundir, influenciando a percepção dos eventos esportivos em uma esfera mais ampla. Este artigo tentou ampliar nossa compreensão de como os torcedores de futebol politizam seu fandom no ambiente digital e como constroem suas identidades.

## REFERÊNCIAS

BORBA, R. Disgusting politics: circuits of affects and the making of Bolsonaro. *Social Semiotics*, v.31, n.5, p. 1-19, 2021a.

\_\_\_\_\_. 'Fora, Bolsonaro genocida!': COVID-19 conspiracy theories, neo-nationalism and neoliberal necropolitics in Brazil. A reply to Kalil et al (2021). *Global Discourse*, v.11, n.3, p. 427-431, 2021b.

BENKWITZ, A.; MOLNAR, G. Interpreting and exploring football fan rivalries: an overview. *Soccer & Society*, v. 13, n. 4, p. 479-494, 2012.

CLELAND, J., DOIDGE, M., MILWARD, P., & WIDDOP, P. *Collective Action and Football Fandom: a relational sociological approach*. Londres: Palgrave Macmillan, 2018.

DEMURU, P. Gastropopulism: a sociosemiotic analysis of politicians posing as “the everyday man” via food posts on social media. *Social Semiotics*, v.31, n.3, p. 507-527, 2021.

DOIDGE, Mark. 'If you jump up and down, Balotelli dies': Racism and player abuse in Italian football. *International Review for the Sociology of Sport*, v. 50, n. 3, p. 249-264, 2015.

DOIDGE, Mark; KOSSAKOWSKI, Radoslaw; MINTERT, Svenja-Maria. *Ultras: The passion and performance of contemporary football fandom*. Manchester: Manchester University Press, 2020.

DYAL, M. *Hated and Proud: ultras contra modernity*. Budapeste: Arktos Media, 2018.

FARIAS, L. G. S., NEPOMUCENO, L. B., SANCHEZ NETO, L., & SILVA, E. V. M. A institucionalização do racismo contra negro(as) e as injúrias raciais no esporte profissional: o contexto internacional. *Movimento*, v. 26, p. 1-16, 2021.

GUSCHWAN, M. Fandom, brandom and the limits of participatory culture. *Journal of Consumer Culture*, v. 12, n. 1, p. 19-40, 2012.

HALL, S. Introduction: Who Needs 'Identity'. In: Hall, S.; Gay, P.D.U. (Eds.). *Questions of Cultural Identity*. Londres: Sage, 1996, p. 1-17.

\_\_\_\_\_. *Globalization and the World-System*. Minneapolis, MN: University of Minneapolis Press, 1997, p. 42-68.

HART, D. The 'club versus country' debate: investigating English fan loyalty toward club and national teams. *Soccer & Society*, v. 18, n. 7, p. 849-865, 2017.

HILLS, M. *Fan Cultures*. Londres: Routledge, 2002.

JENKINS, Henry. *Cultura da convergência*. São Paulo: Aleph, 2008.

---

KALIL, I., SILVEIRA, S., PINHEIRO, W., KALIL, A., PEREIRA, J. V., AZARIAS, W., & AMPARO, A. Politics of fear in Brazil: Far-right conspiracy theories on COVID-19. *Global Discourse*, v. 11, n. 3, 2020, p.409–425.

LARUELLE, M. Illiberalism: a conceptual introduction. *East European Politics*, v. 38, n. 2, 2022, p. 303-327.

NUMERATO, D. Who Says “No to Modern Football?” Italian Supporters, Reflexivity, and Neo-Liberalism. *Journal of Sport and Social Issues*, v. 39, n. 2, 2014, p. 120–138.

PETERSEN-WAGNER, R. The football supporter in a cosmopolitan Epoch. *Journal of Sport and Social Issues*, v. 41, n. 2, 2017, p. 133-150.

PORAT, A.B. "Football fandom: a bounded identification". *Soccer & Society*, v. 11, n. 3, p. 277-290, 2010.

PRIOR, M. *Post-Broadcast Democracy: How Media Choice Increases Inequality in Political Involvement and Polarizes Elections*. Cambridge: Cambridge University Press, 2006.

SANTOS JUNIOR, M.A. Coxinhas e petralhas: o fandom político como chave de análise da audiência criativa nas mídias sociais. *Geminis*, v. 7, n. 1, 2016, p. 117-146.

STONE, C. The Role of Football in Everyday Life. *Soccer & Society*, v. 8, n. 2-3, 2007, p. 169-184.

THORSON, E.A.; SERAZIO, M. Sports fandom and political attitudes. *Public Opinion Quarterly*, v. 82, n. 2, 2018, p. 391-403.

VIMIEIRO, A. C., PETERSEN-WAGNER, R., D'ANDRÉA, C. F. B., QUEIRÓZ, A., MALDINI, G., & MARTINS, M. C. Despolitização e re-politização do futebol: em análise, a defesa das “tradições” pelos movimentos contra o futebol moderno no Brasil. *Anais da 42ª INTERCOM*, 2019.

WILSON, J. Playing with politics: Political fans and Twitter faking in post-broadcast democracy. *Convergence: The International Journal of Research into New Media Technologies*, v. 17, n. 4, p. 445-461, 2011.